

especial carne portuguesa

Empresas de rações estão a ser a almofada da crise

“Produtores devem-nos 350 milhões de euros”, diz Associação dos Industriais de Alimentos Compostos



O efeito dominó | Os produtores de carne não pagam aos fornecedores de rações e metade das empresas do sector corre o risco de desaparecer.

Filipe Paiva Cardoso
filipecardoso@mediafin.pt

As fábricas de ração são o “elo da cadeia” que está, neste momento, a aguentar o sector da produção de carnes em Portugal. “Estes senhores estão a atravessar dificuldades. Por isso não nos pagam as rações, e esperamos que a pecuária nos deve

350 milhões de euros actualmente, com prazos de recebimento que vão de quatro a cinco meses”, diz Jaime Piçarra, secretário-geral da Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais. Mas esta “almofada” não vai durar para sempre. “Senão se fizer nada, creio que não duraremos mais de seis meses”

vaticina, assumindo que “a prolongar-se a situação metade das empresas desaparecerão até ao final do ano”. Além do impacto óbvio ao nível das contas e do equilíbrio financeiro das empresas produtoras de alimentos compostos para animais, há outros aspectos negativos neste acumular de atrasos e dívidas dos produtores de carne à indústria das

rações. “Vão-se reflectir numa desaceleração da produção, pois há fábricas que vão diminuir o total de rações que produzem. Depois, já no lado dos produtores, estes vão começar a ficar com os animais mais tempo, à espera de preços melhores, e estes mais vão consumir”, diz o responsável da associação, cujos empresários estão numa situação no

mínimo sensível. Por um lado precisam de receber mas por outro não podem exigir, já que tal acarretaria o risco de levar à falência a maioria dos clientes. “Quando ou quanto vamos receber dos 350 milhões? Isso é que eu não sei” confessa Piçarra.

Razões, culpa e OGM
“Em 2003 houve uma reforma que desligou as ajudas da produção”, explica Jaime Piçarra, para justificar a situação actual. Este “desligamento”, diz, “levou a um abandono forte dos cereais” que, conjugado com “o desenvolvimento das economias emergentes” e as “pesadas” regras impostas “pela União Europeia” fizeram com que os produtores europeus “perdessem competitividade face a brasileiros, argentinos e americanos”, cujos produtos entram na UE, mesmo sem respeitar os parâmetros desta para os seus próprios produtores. Um exemplo são os OGM – organismo geneticamente modificados, onde a UE tem “tolerância zero para os produtores europeus” mas depois “não controla na carne importada a terceiros”, apesar destes terem e usarem cereais geneticamente modificados. Mas há mais. “Há quem diga que os biocombustíveis são a maior fraude dos últimos anos.” afirma Jaime Piçarra, que não duvida em apontar que “a competição energia/alimentação é um risco e um perigo que o consumidor”. Que “nós vamos pagar muito caro”, conclui.

➔ **ASS. NAC. ENGORDADORES BOVINOS**
Rodrigues da Silva, presidente

“Ou mudam as políticas da CE ou falimos todos”

“No outro dia reunimos os nossos produtores e, lá chegados, pensámos: ‘Somos só estes?!’”, conta Rodrigues da Silva, líder da Associação Nacional de Engordadores de Bovinos. “Os com 20, 30 ou 40 cabeças desapareceram todos”, explica. Este coronel não tem dúvidas quando é pedido um culpado: “Estamos a passar por uma crise impressionante com toda a culpa da Comissão Europeia, que teve políticas péssimas, pagou para não se produzir, deixou que as terras virassem campo e deixou que os produtos para alimentar os europeus virassem biocombustível”, apontando também erros de cálculo: “não previram o aumento de consumo da China e Índia, ou que com a redução da oferta de cereais e o aumento da procura o preço ia disparar”. E agora, diz, “ou assumem responsabilidades e voltam atrás de forma a que sejam oferecidos produtos para produzirmos a preços que nos deixem sobreviver ou toda a pecuária intensiva vai falir. Um quilo de bovino hoje custa-me quatro euros e vendo por três euros, acha que alguém sobrevive assim?!”, questiona. **FPC**

➔ **FED. PORT. ASSOC. AVÍCOLAS**
Manuel Lima, secretário-geral

“Única saída é aumentar o preço da comida”

“Estaria menos preocupado se fosse conjuntural, mas o que assusta é que a crise é estrutural”, diz o secretário-geral da Federação Portuguesa de Associações Avícolas, que fala por “mais de 90% da avicultura portuguesa”, onde há mais de cinco mil produtores. “Sendo estrutural, qualquer medida implementada levará o seu tempo a ter impacto, logo, não há outra saída senão aumentar os preços da comida... basta ler a ‘Economist’ e ver que ‘acabou o tempo da comida barata’.” Ainda assim, reconhece, “a crise não é tão forte nas aves”, já que este foi um sector onde a integração vertical deu alguns passos, “mas ainda falamos em 800 mil euros de prejuízo semanal”. Manuel Lima calcula que os avicultores estejam a perder “20 centimos por quilo de frango”, valor a multiplicar por “4 mil toneladas abatidas por semana”. Mas como se chegou a isto? “Começou no Verão com o aumento dos custos que não conseguimos repercutir na venda”, apontando depois o dedo à “distribuição e ao comércio” por insistirem em manter margens e os preços inalterados. **FPC**

➔ **FED. PORT. DE SUINICULTORES**
Joaquim Dias, vice-presidente

“Vendemos um porco € 40 abaixo do custo”

A Federação Portuguesa de Associações de Suinicultores “representa 99,9% dos 2.561 produtores existentes em Portugal”, diz o seu vice-presidente, Joaquim Dias, que não hesita: “estamos a falar de 35 a 40 euros de prejuízo por porco que vendemos”. As suas contas são simples. A produção de um suíno custa em média 1,7 euros/quilo, sendo que, dado o excesso de oferta e o “bloqueio” no resto da cadeia, “não conseguimos vender por mais de 1,3 euros/quilo”... São 40 centimos a multiplicar por entre 90 e 100 quilos em cada porco. Com 86,5 mil abates por semana estes valores saltam para entre três e 3,5 milhões de euros de prejuízos semanais. Com um aumento “exagerado” nas rações devido “à especulação em torno dos cereais” – que agora pesam 85% nos custos, contra os anteriores 60% – o representante da suinicultura não compreende como foi possível que “entre 2006 e 2008 o preço da carne de porco tenha caído 30% ao produtor”, concluindo, sem pensar duas vezes, que “assim não dá para aguentar mais tempo”. **FPC**